Uma troca justa | Alicia Candido Ferreira

Há dias em que sair de casa parece uma tarefa quase impossível, mas aí noto que ficar pode ser bem pior. Nos últimos meses, não me lembro bem quanto tempo faz, as coisas tem andado bastante complicadas, queria ter uma fórmula mágica para fazer tudo voltar a ser como antes. Já houve um tempo em que dava para conversar na hora do jantar, hoje, isso não acontece mais.

Quando saí para a escola, pela manhã, vi minha mãe lavando a louça na pia, não consegui evitar de olhar seus olhos vermelhos, embora eu já soubesse que ela chorou a noite toda. Dá para ouvir do meu quarto. O pior de tudo é saber que sou eu o motivo da tristeza que está corroendo-a por dentro.

Em dias como esse imagino se ela ainda me ama como antes, ou se talvez o melhor para ela seria mesmo se eu sumisse. Não tenho ninguém com quem conversar sobre o que aconteceu, me pego a pensar qual seria a reação de minha vó se eu falasse com ela sobre isso, sobre os medos que sinto e os planos que venho fazendo. Embora imagine que ela já saiba de tudo e não venha falar comigo, talvez por falta de coragem ou talvez por não ter palavras suficientes para dizer; mas eu queria ouvi-las, queria alguém para conversar. Com minha mãe, é impossível, e nem é por ela, penso que se fosse só por ela, talvez fosse de boa, mas seu marido jamais permitiria que ela ficasse a meu favor depois de tudo.

Se em alguns dias as coisas são horríveis, em outros elas conseguem ser piores e hoje é um desses dias. Quando saí, minha mãe

virou-se rapidamente e sem me encarar, perguntou se eu iria sair sem comer alguma coisa. Respondi apenas que estava sem fome. Como explicar a ela, que tem um nó na minha garganta que mal me permite engolir o choro? Que meu estômago fica revirado cada vez que penso em tudo o que estamos vivendo? Ao sair tropeço em algo perto da porta, é a naninha da minha irmãzinha, o que me faz pensar no quanto tudo isso vai afetar a vida dela também, não só ela, mas os três menores que eu. Minha mãe sempre diz que nos criar é um fardo pesado demais, e agora com tudo isso, como eles ficarão? Me dói só de pensar, afinal só tenho 13 anos, como é possível uma garota de 13 anos ser responsável por arruinar o destino de seus irmãos?

Coloco a naninha no sofá e atravesso a porta. Pela rua reflito o quanto minha vida mudou e o quanto isso é ruim. Saudades do tempo em que minha maior preocupação era a nota da prova de matemática...

Planejo o que fazer depois da aula. Vou à casa da Julia. Lá posso, ao menos por um tempo, fingir que sou uma pessoa normal, enquanto penso numa solução para o meu caso, se é que existe uma solução. A Júlia é minha amiga desde a educação infantil, a mãe dela sempre diz que somos irmãs de outra vida. Contei a ela o que aconteceu. Ela ficou muito espantada, me abraçou e disse para eu chorar toda aquela tristeza. Mas não sei se ela acreditou em mim, ela tem a minha idade, não sei se no lugar dela, eu acreditaria.

O problema é que cada ideia que tenho me parece mais complicada que a outra. Como resolver isso? A única certeza que tenho é que não suporto mais como as coisas estão. Chegamos na casa da Júlia,

o almoço estava no fogão, comemos e fomos ver tv. Minha cabeça, como sempre nos últimos dias, a mil por hora. Estudamos um pouco e quando já era à tardinha, quase noite, voltei para casa. Minha mãe não me deixa dormir fora de casa. No caminho ia caminhando lentamente enquanto pensava em uma maneira de arrancar de dentro de mim aquela sensação, deve existir um remédio capaz de fazer sumir essa dor. Ao passar pela passarela uma ideia chegou de mansinho e ficou me rondando.

Parei lá no alto. E se?...

Naquele momento, pensei em tudo o que tinha acontecido naquele dia e nos que, dolorosamente, se foram. Pensei em como a vida nunca mais seria a mesma novamente. A ideia, insistente, voltava a me rondar. E se bastasse em um único impulso tudo mudar? Um instante para silenciar o caos? Não teria que dar explicações e a dor certamente sumiria.

Olhei para baixo, o chão parecia me chamar, era como se ele falasse diretamente ao meu coração, olhei ao redor, as luzes começavam a brilhar, fazendo a noite ficar linda, como naquele dia... fiquei um tempo relembrando aqueles momentos, acho que nunca os esquecerei, aquela voz me dizendo que se eu contasse algo para alguém, ficaria sem os dentes. Ainda sinto aquelas mãos suadas, nojentas, tirando minha roupa, depois aquela dor que parecia me rasgar por dentro. O que aconteceu em seguida foi tão assustador que nem consigo me lembrar dos detalhes, mas me lembro do grito de minha mãe, quando ela repentinamente entrou no meu quarto e se deparou com aquela cena. Naquele momento eu não tinha forças para falar nada, apenas abaixei a cabeça e desabei a

chorar. Ela começou a gritar comigo, perguntando como eu tinha coragem de fazer aquilo com ela, ele apenas deu as costas em silêncio e saiu, me deixando ali, parada, travada, sem voz para responder que eu não havia feito nada, mas que o marido dela é que havia me ameaçado, dito coisas que me deixavam apavorada, sem reação... me vesti aos prantos, ouvindo ela dizer o quanto eu tinha estragado a vida dela, do quanto eram felizes antes de eu estragar tudo e sobre o que ela faria agora, já que não dava mais para viver sob o mesmo teto com uma pessoa tão imunda quanto eu, e ela precisava dele, afinal tinha meus irmãos pequenos para sustentar e ele era o provedor da casa. Será que ela se lembrava da minha idade? Eu ainda era uma criança, ou não? Ainda me pergunto isso. Mas minha mãe falava com uma amargura na voz que eu era capaz de sentir. E agora? Preciso descobrir como continuar vivendo com tudo isso.

Olhei novamente o brilho dos faróis lá embaixo, tão bonitos... lembrei de todos os sonhos que ainda não realizei, na minha mãe submissa com sua felicidade superficial, meus irmãos tão pequenos, tão dependentes de tudo, pobres crianças inocentes que não entendiam nada do que se passava, imaginei o quanto cada escolha que eu fizesse poderia impactar a vida deles. Procurei uma abertura na grade de proteção, fechei os olhos e meu corpo rompeu o ar, com a leveza de quem enfim solta o peso que carregava. Aquela solução me parecia uma troca bastante justa... agora minha mãe não precisava mais escolher um lado, poderia seguir sua vidinha sem se preocupar com a minha incômoda presença...

O chão frio toca meu corpo e aquela dor já não me aflige mais.

Estamos quites.